

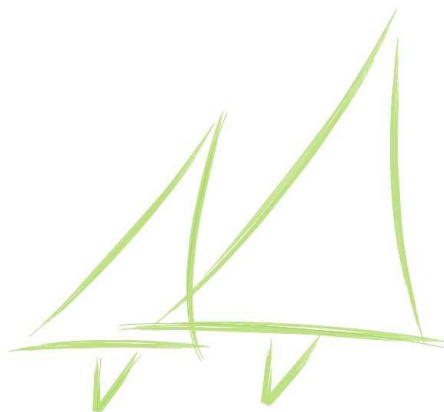
# V ENCONTRO DE PESQUISADORES LATINO-AMERICANOS DE COOPERATIVISMO

V ENCUENTRO DE INVESTIGADORES LATINOAMERICANOS DE COOPERATIVISMO

MOVIMENTO COOPERATIVO, TRANSNACIONALIZAÇÃO  
E IDENTIDADE COOPERATIVA NA AMÉRICA LATINA

MOVIMIENTO COOPERATIVO, TRANSNACIONALIZACIÓN E IDENTIDAD COOPERATIVA EN AMÉRICA LATINA

COMITÊ DE PESQUISA DA ALIANÇA COOPERATIVA INTERNACIONAL



## 013 - COOPERATIVISMO AGROINDUSTRIAL E EXPANSÃO DA AVICULTURA DE CORTE NO OESTE DO PARANÁ

Gestão econômica e social de cooperativas

*Diane Belusso*  
[dianebelusso@yahoo.com.br](mailto:dianebelusso@yahoo.com.br)

*Antonio Nivaldo Hespanhol*  
[nivaldo@fct.unesp.br](mailto:nivaldo@fct.unesp.br)

*Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (FCT/ UNESP),  
campus de Presidente Prudente*

### Resumo

As cooperativas agrícolas do Oeste Paranaense foram criadas entre 1960 e 1970 e se estruturaram para receber grãos, principalmente milho e soja. A partir da década de 1980, as cooperativas C.Vale, Coopavel, Copacol, Copagril e Lar implantaram modernos abatedouros de aves e conquistaram parte dos mercados nacional e internacional de frangos, que até então eram dominados por grandes empresas privadas (Sadia, Perdigão, entre outras). A pesquisa teve como objetivo principal analisar a atuação da C.Vale Cooperativa Agroindustrial, a qual tem a sua sede no município de Palotina. A influência econômica da C.Vale na sua área de atuação evidencia uma trajetória ao longo de três fases: a inicial, que se estende de 1963 até 1969, quando era denominada Campal, se deteve à organização documental, à formação do quadro social e à construção de armazéns; a fase intermediária corresponde ao período entre as décadas de 1970, quando ampliou sua área e passou a ser denominada Coopervale, e a década de 1990, quando houve forte redução da rentabilidade do setor primário; e a fase atual iniciada em meados da década de 1990 quando foi implantado o complexo industrial avícola e lançada a marca C.Vale no ano de 1997. Ao longo de dez anos as vendas de carne de frango cresceram progressivamente e, em 2006, apresentaram um crescimento de 19% em relação ao ano anterior, dos 93 milhões de quilogramas de carnes vendidos, 55% foram destinadas ao mercado externo.

**Palavras-chave:** empresa cooperativista, dinâmica regional, produção integrada.

## **Abstract**

The agriculturist cooperatives of western Paraná State were created in the sixties and organized to commercialize grains, mainly corn and soy. In the eighties, the cooperatives *C.Vale*, *Coopavel*, *Copacol*, *Copagril* and *Lar* have built modern poultry slaughterhouses and got participation in national and international markets of this segment, which at that time was dominated by some few big corporations. This work is concerned in to analyze the actuation of the *C.Vale Cooperativa Agroindustrial*, based in Palotina town, in this context. The economic importance of *C.Vale* in your territory brings out a three steps trajectory. The initial one, between 1963 and 1969, when it was called *Campal*, restricted to the documental and social organization and the construction of warehouses. The intermediary, correspondent to the period of the 1970 decade, when increased your field of action and change your denomination to *Coopervale*, until the 1990 decade. At this time, have experimented a critical moment, the yield reduction of the primary sector. The third such step, the current, begins in 1995 with the project of implantation of the poultry industrial complex, inaugurated in 1997, from this moment named *C. Vale*. In elapsing of ten years the sales of poultry meat have progressively increased and, in 2006, achieved a 19% growth in relation of the last year, another important fact is that 55% of the 93 million kilograms produced, was exported.

**Key-words:** cooperative enterprises, regional dynamics, integrated production.

### **1. Caracterização do tema e da área de estudo**

A indústria de carnes de frango, no Brasil, é um segmento do agronegócio que absorveu inovações tecnológicas e passou por significativas transformações no seu processo produtivo, nas relações de trabalho e na organização empresarial das cooperativas.

Nas últimas décadas, a implantação de modernas agroindústrias alavancou cooperativas no Oeste do Paraná, as quais ampliaram o seu faturamento e passaram a exercer forte influência regional.

As cooperativas são proprietárias das principais indústrias instaladas na região (frigoríficos, laticínios, fábricas de rações, fábricas de óleo de soja etc). Grandes cooperativas, tais como: *C.Vale*, *Coopavel*, *Copacol*, *Copagril* e *Lar*, com sede nos municípios de Palotina, Cascavel, Cafelândia, Marechal Cândido Rondon e Medianeira, respectivamente, implantaram indústrias e passaram a estimular os seus associados à produzirem frangos para o abastecimento dos abatedouros das cooperativas.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> A Copacol atua no segmento avícola desde 1982 e a exemplo dela, outras cooperativas também investiram no setor. O empreendimento mais recente, neste sentido, é o da Copagril, inaugurado no ano de 2005.

A expansão da atividade agroindustrial vinculada à avicultura no Oeste Paranaense foi favorecida pelas características do processo de ocupação e do uso do solo agrícola.

As condições de clima, topografia, fertilidade do solo e estrutura de exploração agrícola, propiciaram o desenvolvimento da agropecuária moderna vinculada ao cultivo de soja, milho, trigo, aves, bovinos, suínos etc.<sup>2</sup>

Para Freitag (2001), uma das características essenciais do extremo-oeste paranaense foi o processo racional de ocupação e de uso do solo agrícola a partir da década de 1930.

A colonização empresarial no Oeste do Paraná, atrelada aos interesses econômicos e políticos nacionais, se caracterizou pela apropriação e organização do espaço a partir dos interesses das companhias colonizadoras e pelo desenvolvimento de uma produção agrícola não apenas para a subsistência, mas para o mercado, que garantiria a geração de renda para o pagamento das terras. Assim, havia uma sintonia de interesses entre companhias colonizadoras, política do Estado e objetivos dos migrantes.<sup>3</sup>

Em decorrência das frentes de ocupação, dos novos habitantes e de suas experiências de trabalho, a região Oeste se encontrava toda ocupada na década de 1960, porém, ainda passaria por contundentes transformações na estrutura agrária e na produção agrícola.

Na medida em que a colonização se consolidava, os agricultores enfrentavam dificuldades, tais como: falta de estrutura para armazenar e comercializar a produção, ausência de assistência técnica, reduzida estrutura de fornecimento de insumos e baixos preços dos produtos agrícolas (COOPERVALE, 1988).

Neste caso, em torno de dificuldades e diante de um contexto que propiciava a expansão das cooperativas agrícolas por meio de apoio governamental, vinte e quatro agricultores fundaram, em 1963, a Cooperativa Agrícola Mista de Palotina (Campal).

A fundação da Campal em 1963 e a instalação de uma estação experimental do Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR) no município de Palotina, em 1966, coincidem com o período de substituição de culturas, quando, a cooperativa passou a suprir as necessidades de infra-estrutura e de assistência técnica e, juntamente com órgãos públicos, passou a estimular a modernização das culturas de soja, trigo e milho.

No ano de 1965 foi instituído o Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR), o volume de crédito disponibilizado para a agricultura foi

---

<sup>2</sup> Quanto à base física ambiental, se ressalta o clima úmido (Clima Subtropical Úmido – precipitação média anual de 1600 a 1800 mm) e o solo fértil que possibilitaram, ao longo dos anos, a existência de florestas (Mata Pluvial Subtropical) entre os rios Piquiri e Iguaçu (MAACK, 1968). A partir de 1930, a pressão por desmatamento, inicialmente para fins madeireiros e em seguida para o uso agrícola, reduziu a cobertura vegetal original a apenas 12% da área originalmente florestada (IPARDES, 2004).

<sup>3</sup> Historicamente, a região Oeste constitui a última fronteira de ocupação do Estado, pois, sua localização distante da porção leste (onde se iniciou o povoamento do Paraná) e a quase ausência de infra-estrutura de comunicação interligando-a ao restante do Estado, são fatores que justificam o isolamento e a baixa densidade populacional por tanto tempo (IPARDES, 2004).

significativamente ampliado, o que estimulou a mecanização agrícola e o cultivo de lavouras temporárias.

A criação de cooperativas nas décadas de 1960 e 1970 é representativa no Oeste do Paraná. Conforme cadastro da Organização das Cooperativas do Estado do Paraná, entre as 11 cooperativas existentes naquela região no ano de 2006, 07 foram criadas entre os anos de 1963 e 1977 (OCEPAR, 2006).

A ação das cooperativas contribuiu para que a modernização tecnológica da agricultura fosse significativa no Oeste Paranaense. No município de Palotina, a produção de soja, ao longo dos anos, foi impulsionada por incentivos econômicos e pelas condições favoráveis em termos de solo, clima e topografia. Em 1980, o município recebeu o título de Capital Nacional da Soja, em razão da grande produtividade. Conforme Fleischfresser (1988), a soja, no Paraná, é o produto representativo da modernização da base técnica da agricultura.

No caso do Paraná, o cooperativismo agrícola ganhou força e expressividade a partir dos anos 1970, com a introdução do pacote tecnológico da soja e com a atuação decisiva do poder público (Federal e Estadual) no sentido de estimular e monitorar tais organizações, através da concessão de crédito em longo prazo para a instalação de infra-estruturas (silos, escritórios, armazéns, etc.) e do tratamento preferencial na consecução de políticas agrícolas. A partir dos anos 1980, as maiores cooperativas do Estado passaram a processar uma parcela cada vez maior de produtos recebidos, adentrando de forma significativa em vários segmentos agroindustriais (HESPANHOL; COSTA, 1995, p.374).

As cooperativas, gradativamente, alteraram seus perfis ao implementar diversas estratégias empresariais, tais como: aquisição de unidades de outras empresas; implantação de indústrias; sofisticação, diferenciação e diversificação de produtos; mudança na relação com cooperados; reestruturação administrativa; terceirização etc (FONSECA; COSTA, 1995).

No ritmo da evolução da agricultura moderna, as cooperativas agrícolas, após a quebra de algumas, passaram a agir profissionalmente. Com a implantação de agroindústrias no segmento de carnes as cooperativas conquistaram uma parte do mercado internacional até então exclusivo de poucas grandes empresas. Tais cooperativas criaram cooperativas de crédito, melhoraram e ampliaram sua infra-estrutura de beneficiamento, de armazenagem, de industrialização e transformação de matérias-primas em produtos manufaturados; criaram marcas próprias e supermercados regionais, isto é, se tornaram altamente competitivas atuando em diversos elos da cadeia agroalimentar (integração vertical) (NEVES, 2004).

Sabe-se que o maior interesse na avicultura especializada está pautado numa significativa evolução da produção de frangos no Brasil resultante de melhorias no manejo e nos equipamentos utilizados que buscam um padrão internacional de qualidade, além do crescimento do consumo de carne de frango no mercado nacional motivado pelo preço mais acessível e conquista de

fatias importantes do mercado externo, o qual também se encontra em expansão.

No Oeste Paranaense, a constituição do “complexo soja” regional, com a produção de insumo para a indústria de rações e ao lado da produção de milho, além da relativa manutenção da mão-de-obra familiar como principal força de trabalho, criaram as bases para a produção de frangos (atividade historicamente associada aos pequenos proprietários de terra).

Nas últimas décadas, a avicultura passou por modificações no processo produtivo: melhoria dos equipamentos, manejo dos animais e conseqüentemente nas relações de trabalho. A produção de frangos é uma atividade que, muitas vezes, está associada à manutenção da mão-de-obra familiar em pequenas propriedades, ou seja, se trata de um tipo de exploração compatível com o perfil das empresas cooperativistas. Entretanto, a avicultura como fonte de renda complementar tornou-se uma importante alternativa também para os médios e grandes produtores rurais do Oeste do Paraná, os quais apresentam um grau de capitalização que lhes permite empregar mão-de-obra assalariada na produção de frangos e responder mais rapidamente a ampliação da escala dos aviários e a sua sofisticação tecnológica.

Azevedo et al (2002) apontam dois fatores principais na elevação do custo de produção na avicultura: a ração e os encargos fiscais e trabalhistas. Neste sentido, os altos índices de produtividade da soja e do milho e a transformação dos associados das cooperativas em produtores integrados de frangos, por meio de contratos de parceria, constituem vantagens competitivas à avicultura na referida região.

O Brasil é o maior exportador mundial de carne de frango e o Paraná é o atual líder nacional da produção de frangos. Nesse Estado há concentração regional da produção: apenas sete municípios possuem plantéis individuais superiores a 3 milhões de aves, que representam 22,15% do plantel e do abate mensal total do Estado (SINDIAVIPAR, 2007). Dentre esses sete municípios observa-se maior concentração produtiva na região Oeste: Toledo, Cascavel, Palotina e Cafelândia (Oeste Paranaense), Dois Vizinhos e Francisco Beltrão (Sudoeste Paranaense) e Piraí do Sul (Centro Oriental Paranaense).<sup>4</sup>

Na Mesorregião Oeste Paranaense estão instaladas 06 empresas de abate de frangos, sendo todas registradas no Serviço de Inspeção Federal (SIF), ou seja, habilitadas a exportar; existe nessa atividade um perfil industrial de grande porte, com a presença da Sadia que é a empresa âncora que atua em diversas regiões do País e no exterior; as outras empresas são agroindústrias cooperativadas que, assim como a Sadia, integram produtores que lhes fornecem o frango pronto para o abate (DALMÁS et al, 2007). Em sua maioria, tais empresas estão filiadas à Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frangos (ABEF), buscando maior representatividade do setor junto às políticas governamentais, além de promover canais facilitadores para a inserção no mercado externo (DALMÁS et al, 2007).

## **2. Redefinições comerciais e produtivas nas indústrias de frangos.**

---

<sup>4</sup> Os municípios de Toledo, Dois Vizinhos e Francisco Beltrão possuem unidades de abate da Sadia. Em Toledo, o início do abate de frangos, pela Sadia, foi iniciado no ano de 1976.

A partir de 1960, uma das estratégias dos países desenvolvidos e em desenvolvimento para o setor agrícola foi o progresso tecnológico que visou o atendimento da crescente demanda por alimentos e matérias-primas através da geração e difusão de tecnologias capazes de proporcionar à agricultura o aumento da produtividade e a redução de custos.

O marco inicial das redefinições é a década de 1970, quando as indústrias de frangos foram consolidadas como um segmento moderno, viabilizado pela política agrícola de crédito subsidiado e pela instalação de frigoríficos, além da articulação entre grupos nacionais e empresas estrangeiras produtoras de linhagens (RIZZI, 1993).

No caso da indústria de frangos no Brasil, embora a produção em massa de bens homogêneos desempenhe papel fundamental na concentração industrial e na manutenção do oligopólio, o seu produto final perde importância para produtos diferenciados (posteriores ao abate), em plantas de pós-processamento adaptadas à produção de maior valor agregado (há uma combinação de produção em massa e produção flexível ao utilizar o frango abatido como matéria-prima para industrialização em plantas mais flexíveis) (RIZZI, 1993).

Segundo Mazzali (2000) houve um processo de reorganização agroindustrial em meados de 1980 (intensas transformações que tiveram como princípio a flexibilidade ou a fuga de rigidez), no cenário da economia mundial e na emergência de um novo paradigma tecnológico assentado na microeletrônica, na biotecnologia, em novos materiais e em novos padrões de consumo, com efeitos sobre a organização da produção e sobre a estrutura das relações econômicas internacionais.

Enquanto as outras carnes permaneceram relativamente atrasadas em termos de tecnologia de processo e de matérias-primas, o frango foi alvo de uma indústria que ampliou a escala e inovou a tecnologia, o que permitiu redução substancial de custos e preços (a ave apresenta ciclo de criação mais curto que o de outros animais destinados ao consumo humano) (RIZZI, 1993).

No plano mundial de redefinições, além da incorporação de tecnologias a partir do progresso de áreas diversas do conhecimento, como da química, da mecânica, da biotecnologia, das telecomunicações ou da microeletrônica, ocorreu intenso aprendizado tecnológico e desenvolvimento de adaptações específicas (ESPÍNDOLA, 1999).

De 1930 a 1996, a capacidade de crescimento dos frangos (conversão ração/ carne) aumentou 65% gastando cerca de 54% de ração a menos e o tempo de engorda que era de 105 dias, em 1930, reduziu para 45 dias, em 1996 (ALVES FILHO; ARAÚJO, 1999), o que representa ganhos em termos de faturamento industrial:

[...] a diferença entre os tempos de produção e de trabalho é grande, a taxa de lucro da atividade tende a ser mais baixa. [...]. Retomando o exemplo da produção de frangos para corte, pode-se admitir que o progresso tecnológico gerador da redução da diferença entre tempos de produção e de trabalho eliminou este obstáculo que impedia a presença da grande empresa no setor, tornando a rentabilidade da atividade competitiva em termos industriais (AIDAR e PEROSA JR, 1981, p.27).

Nas últimas três décadas, o aprimoramento técnico dos abatedouros de aves (ganhos expressivos de produtividade, redução de custos, qualidade e padronização) foi favorecido e está intimamente ligado, segundo Nogueira (2003) à disseminação dos contratos de parceria / integração.

Com essa estrutura de governança [que tem como componente o contrato de parceria entre agroindústrias e produtores rurais] o processador busca padronização na qualidade, regularidade na quantidade e pontualidade nos prazos para aquisição dos animais com peso de abate. Além disso, ela facilita a implementação de inovações tecnológicas nas diversas etapas da cadeia produtiva, o que explica os consistentes ganhos de produtividade e de conversão alimentar verificados nas últimas décadas (NOGUEIRA, 2003, p.47-48).

Ao verificar a repercussão da Terceira Revolução Industrial e Tecnológica no contexto das estratégias empresariais, Coutinho (1992) apresenta, entre outras tendências nas principais economias capitalistas, a oferta de bens diferenciados ou “customizados” para ampliar as fatias do mercado. No complexo industrial avícola, um exemplo de diferenciação, na ampliação do mercado, é a atuação das empresas de abate de frango no mercado internacional: frangos abatidos de acordo com os preceitos do Alcorão para os mercados muçulmanos; cortes manuais para o mercado japonês etc.

Rizzi (1993) também afirma a diferenciação de produtos como principal tendência de mercado e de concorrência neste segmento: “maior grau de diferenciação do produto significa quebrar aderência do consumidor a determinadas marcas” (RIZZI, 1993, p.56).

As agroindústrias de frangos passaram por períodos em que a dinâmica do mercado dependia da demanda doméstica<sup>5</sup> e se caracterizava pela oferta de produtos homogêneos, entretanto, principalmente a partir de 1990, com o aumento das exportações, passou a haver uma maior exigência em qualidade com ênfase na segurança alimentar (MAZZALI, 2000). Por exemplo, para vencer barreiras higiênico-sanitárias, por conta da *Influenza Aviária*, algumas agroindústrias, tais como a C.Vale Cooperativa Agroindustrial, investiram em tecnologia para a industrialização de cozidos, fritos e assados de frango.

A compreensão da gênese e da evolução das cooperativas agrícolas demonstra períodos de diferentes características no processo de transformações da agricultura e da agroindústria paranaense. As fases de fundação, estruturação e reestruturação destas cooperativas demonstram a passagem do Complexo Rural para o Complexo Agroindustrial e à Rede Agroindustrial.

### **3. A evolução da C.Vale Cooperativa Agroindustrial**

---

<sup>5</sup> O início das exportações foi em 1975 (ESPÍNDOLA, 2001).

A C.Vale, enquanto nome ou marca, é recente, tão recente quanto a sua investida na agroindustrialização<sup>6</sup>. Em 1963 ela surgiu como Campal (Cooperativa Agrícola Mista de Palotina). Em 1974, quando ampliou sua área de ação para os municípios vizinhos, passou a ser chamada de Coopervale (Cooperativa Agrícola Mista Vale do Rio Piquiri Ltda). No dia 21 de novembro de 2003, em assembléia extraordinária, a Coopervale mudou o nome para C.Vale Cooperativa Agroindustrial.<sup>7</sup>

No início de suas atividades a cooperativa dispunha apenas de um armazém e de um caminhão. Na primeira década do século XXI, produzir alimentos com excelência e satisfazer o consumidor passam a ser objetivos principais da C.Vale Cooperativa Agroindustrial, conforme o discurso do seu presidente Alfredo Lang (C.VALE, 2004).

Fundada em 1963, as conquistas desta cooperativa não foram imediatas. A Campal só iniciou a armazenagem e a comercialização de cereais em 1969, até este ano a cooperativa havia fornecido apenas vacinas contra a peste suína e trabalhava para a ampliação do quadro social e à obtenção de recursos para construir sua estrutura (COOPERVALE, 1988).

Somente depois de 1969, ano em que anunciou que construiria suas primeiras instalações, é que a cooperativa realmente engrenaria.

Na época, em 1969, o armazém para 63 mil sacas era um “colosso”, que muitos consideraram grande demais. No mesmo ano, a cooperativa começou a receber trigo, utilizando o armazém de um moinho alugado. No ano seguinte, o armazém da cooperativa ficou pronto e já de início mostrou-se insuficiente para guardar toda a produção. Esses fatos marcaram o início efetivo das operações da Campal (C.VALE, 2004, p.07)

Após este início efetivo, a Campal apresentou, na década de 1970, um expressivo aumento no quadro de associados, conforme se verifica na Tabela 01.

A partir de 1969, o movimento cooperativista paranaense também ganhou maior proporção, quando a Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná (ACARPA)<sup>8</sup>, o Departamento de Assistência ao Cooperativismo (DAC) e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), com o apoio do Banco do Brasil, Banco Regional de Desenvolvimento Econômico (BRDE), Banco Nacional de Crédito Cooperativo (BNCC) e Companhia de Financiamento da Produção (CFP), iniciaram discussões para implantação de projetos<sup>9</sup> que orientassem a expansão das cooperativas ao delimitar suas

---

<sup>6</sup> No ano de 1997 foi inaugurado o Complexo Industrial Avícola formado por matrisseiro, incubatório, abatedouro, aviários e fábrica de ração, no município de Palotina - e de amidonarias, localizadas em Assis Chateaubriand e Terra Roxa - municípios do Oeste do Paraná.

<sup>7</sup> De início, C.Vale foi a marca criada para dar nome ao Complexo Industrial Avícola, ou seja, *marketing* para lançar o produto (frangos C.Vale) no mercado.

<sup>8</sup> Atual Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER).

<sup>9</sup> Em 1971 foram criados o Projeto Iguaçu de Cooperativismo (PIC) e a Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (OCEPAR), que executaria tal projeto.

áreas de atuação, pois alguns municípios possuíam mais de uma cooperativa enquanto outros não possuíam nenhuma (OCEPAR, 2006).

**TABELA 01 – Número de Associados (1963 a 1979)**

<b>Período/ Ano</b>	<b>Associados</b>
1963 a 1966	24
1966 a 1969	156
1969 a 1970	422
1971	726
1972	941
1973	1409
1974	1890
1975	2668
1976	3500
1977	4113
1978	4065
1979	4386

Fonte: COOPERVALE (1988, p.62).

Estes acontecimentos influenciaram para que a Campal passasse a atuar em outros municípios. Em 1974 a Campal já não atuava somente em Palotina e alterou a sua razão social para Cooperativa Agrícola Mista Vale do Rio Piquiri (COOPERVALE).

Em 1981, a Coopervale incorporou a Cooperativa Agrícola Mista de Diamantino Ltda e começou a atuar no Mato Grosso; em 1984 incorporou a Cooperativa Agrícola Mista Regional Pindorama Ltda, que atuava em Abelardo Luz e Faxinal dos Guedes, em Santa Catarina (COOPERVALE, 1988).<sup>10</sup>

Na década de 1980 a Coopervale apresentava uma estrutura que a posicionava como a maior organização cooperativista do Oeste do Paraná – na safra 1987/1988, a Coopervale recebeu e comercializou 12,7 milhões de sacas de grãos, contra 10,1 milhões da extinta Coopagro (Toledo), 4,9 milhões da Copagril (Marechal Cândido Rondon), 4,5 milhões da Cotrefal (atual Lar, de Medianeira), 4,2 milhões da Copacol (Cafelândia) e 3,6 milhões da Coopavel (Cascavel) (COOPERVALE, 1988).

Este crescimento da Coopervale (em estrutura e em número de associados), refletiu o movimento ocorrido na década anterior, 1970, momento de maior quantidade de financiamentos disponibilizados pelo Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR):

A modernização da agricultura brasileira teve o seu período de maior crescimento e intensificação com a estruturação do Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR), em 1965. Na década seguinte, os financiamentos fluíram com uma enorme facilidade, permitindo que

<sup>10</sup> Atualmente, a área de atuação da C.Vale é: Palotina, Assis Chateaubriand, Nova Santa Rosa, Maripá, Terra Roxa, Francisco Alves, Alto Piquiri, Brasilândia do Sul e Clevelândia (Paraná); Abelardo Luz e Faxinal dos Guedes (Santa Catarina); Nova Mutum, Diamantino, Sorriso, Sinop, Santa Carmem, Vera e Novo Horizonte (Mato Grosso); Rio Brillhante, Fátima do Sul, Amambaí, Caarapó, Dourados, Itaporã e Tacuru (Mato Grosso do Sul); Katuetê, Cruce Guarani e La Paloma (Paraguai).

os produtores e agroindústrias pudessem se capitalizar e se integrar. No entanto, já a partir dos anos 70 esse sistema apresentava sérios problemas de operacionalização. [...]

Na década de 80, o crédito oficial geral consubstanciado no SNCR reduziu-se a um patamar cinco vezes inferior ao que havia se consolidado no período anterior (BELIK; PAULILO, 2001, p.95-96)

Até a década de 1980 a Coopervale havia aproveitado a fase de incentivos (crédito fácil e barato) para a ampliação de sua estrutura, porém, a partir daí, começaria uma fase de transição que reduziria a rentabilidade do setor primário e traria novas exigências em virtude de modificações na economia – conforme matéria jornalística intitulada: “Coopervale chega aos 30 anos apostando na industrialização” (COOPERVALE, 1999).

Depois de buscar alternativas e realizar várias tentativas a Coopervale adotou medidas com base na elaboração do denominado Plano de Modernização, no qual a empresa definiu que o seu objetivo seria a industrialização (transformação da soja e do milho – seus principais produtos – em ração para produzir frangos, e transformação de mandioca em amido modificado) (COOPERVALE, 1999).

O atual presidente Alfredo Lang divide a história da cooperativa em quatro fases: a 1ª corresponde à criação da cooperativa e à organização documental (1963 a 1969); a 2ª fase foi de organização da produção, ampliação da estrutura e da área de atuação, que se prolongou até a década de 1980; a 3ª fase se estendeu até 1995, foi um período de transição (adaptação às novas exigências da economia com relação aos produtores e às empresas) como reflexo da redução da rentabilidade do setor primário; a 4ª fase é marcada pelas medidas tomadas em 1995, com a elaboração do Plano de Modernização, etapa que Lang classifica de agregação de valores (COOPERVALE, 1999).

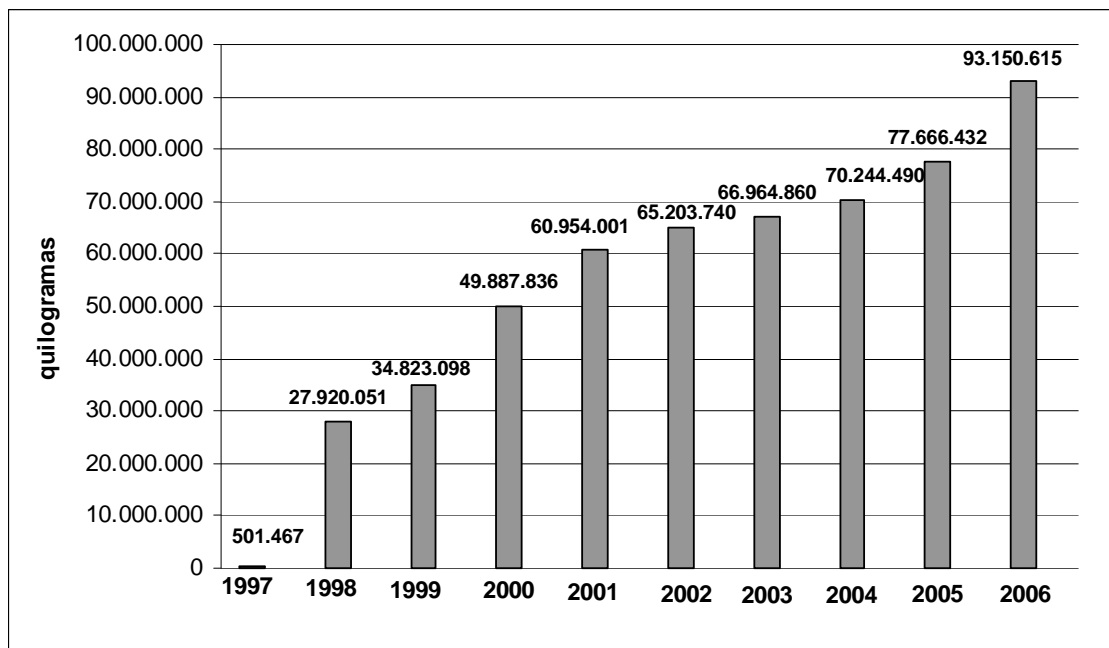
A concretização do Plano de Modernização resultou na inauguração, no município de Palotina, em outubro de 1997, do Complexo Industrial Avícola C.Vale, que é composto por matizeiro (produção de ovos), incubatório (produção de pintainhos), abatedouro de aves, fábrica de ração, aviários convencionais e aviários climatizados<sup>11</sup>. Para ingressar nesta atividade a C.Vale investiu o equivalente a R\$ 160 milhões e contou com financiamento do BNDES (C.VALE, out.2005).

[...] a C.Vale deu a largada na avicultura apoiando-se em dois importantes pilares: o aproveitamento do milho e da soja, produzidos em larga escala na região Oeste, e alta tecnologia nos processos de produção e industrialização do frango com baixos custos de produção e qualidade diferenciada graças à criação em ambiente climatizado, entre outros fatores (C.VALE, out.2005, p.06).

---

<sup>11</sup> Os aviários climatizados possibilitam o controle de temperatura e resultam na produção do dobro de aves com um pequeno acréscimo na área do aviário em relação ao sistema tradicional. Por exemplo: em espaço de 120 por 12 metros, é possível acomodar 26 mil aves a cada ciclo (42 a 47 dias). O aviário convencional comporta, no espaço de 100 por 12 metros, apenas 12 mil aves.

Tanto as exportações, iniciadas em 2001, como as vendas no mercado interno, impulsionaram a comercialização de carne, que cresceu progressivamente, conforme se verifica no Gráfico 01. Em 2006, dos 93.150.615 quilogramas industrializados, 55,74% se destinaram à exportação.



**GRÁFICO 01** - Crescimento da industrialização e comercialização de carne de frango da C.Vale (em Kg) – 1997 a 2006.

Fonte: C.Vale – Relatório (2006, p.09)

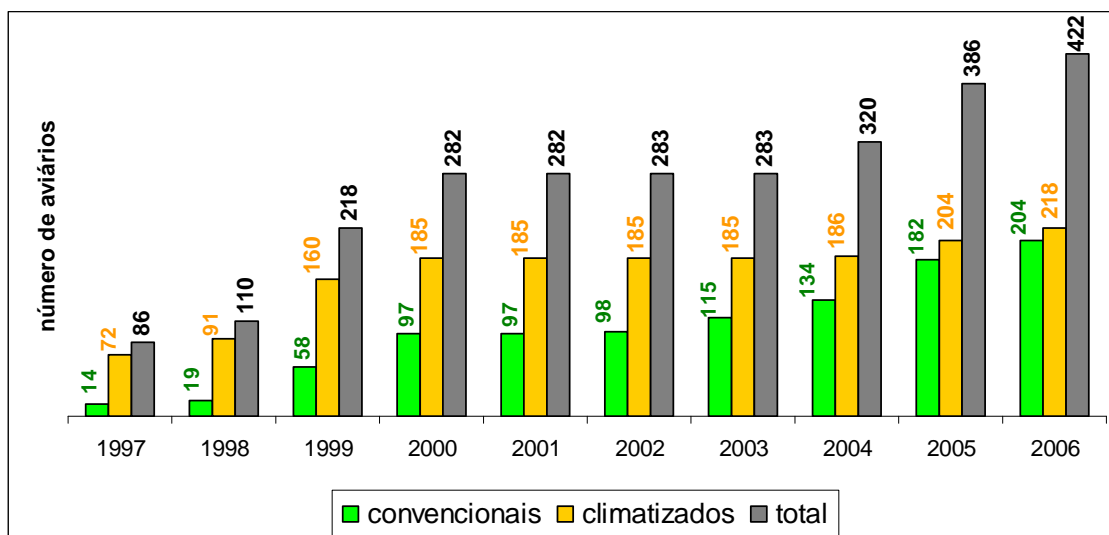
Em 2005 a C.Vale realizou alguns investimentos na planta industrial: ampliou a capacidade produtiva de 150 mil aves/ dia, para 300 mil aves/ dia; construiu uma indústria desativadora de enzima de soja<sup>12</sup> com capacidade inicial para processar 500 toneladas de grão por dia e uma fábrica de rações (farelada e granulada) com capacidade para produzir 80 toneladas por hora; ainda em 2005 entrou em operação uma “nova indústria avícola”, conforme a matéria de jornal:

Com tecnologia suíça, holandesa, alemã e norte-americana, a nova unidade produzirá cortes cozidos, fritos e assados utilizando partes nobres de frango. A produção será totalmente destinada ao mercado externo. A indústria tem 11,5 mil metros quadrados de área construída e capacidade de produção de 14 mil toneladas/ ano. O valor do investimento supera R\$ 60 milhões. O presidente da C.Vale, Alfredo Lang, comenta que a nova indústria permitirá à C.Vale produzir cortes de frango de maior valor agregado. Os produtos sairão prontos para o consumo. Outra vantagem da nova planta

<sup>12</sup> A desativadora de enzima de soja facilita a transformação do grão em ração – antes deste sistema o processo era realizado por meio da extração do óleo da semente e posterior união do óleo com o farelo – a desativadora deixa a soja pronta para ser transformada em ração, o que possibilitará a criação do chamado “frango natural”, produzido totalmente com alimentação vegetal.

industrial será a possibilidade de a cooperativa continuar exportando na eventualidade de a gripe aviária chegar ao Brasil já que o processo de produção elimina o risco de contaminação pelo vírus causador da doença (C.VALE, abr.2005, p.06).

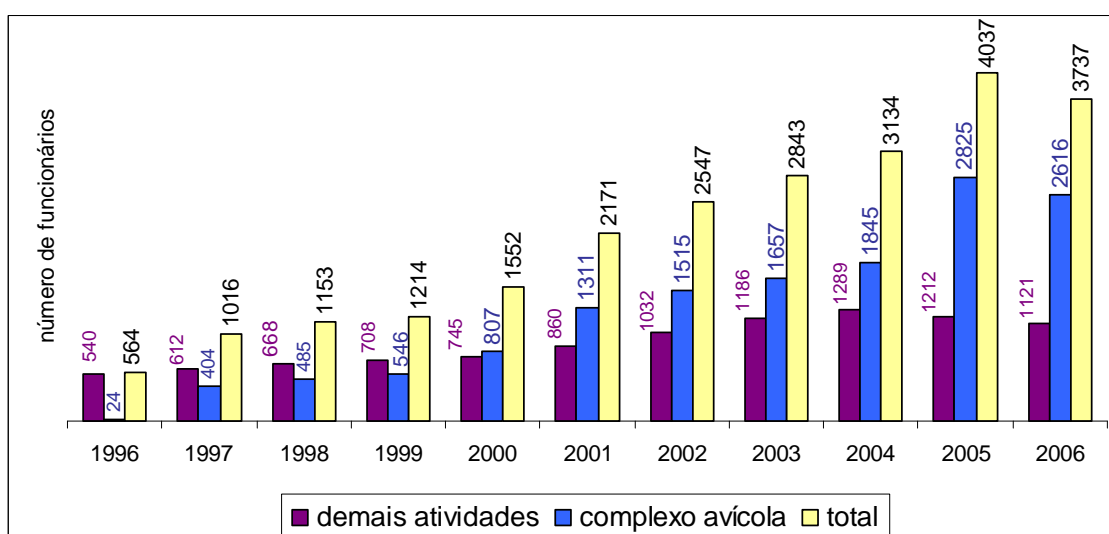
Para manter a capacidade de industrialização foi necessário ampliar também o número de aviários integrados. No Gráfico 02 se verifica o acréscimo de aviários ao longo de 9 anos.



**GRÁFICO 02** - Evolução do número de aviários convencionais e climatizados instalados e integrados pela C.Vale (1997 a 2006).

Fonte: C.Vale - Relatório (2006, p.06)

A quantidade de funcionários da C.Vale, entre os anos de 1996 a 2005, também aumentou, como se observa no Gráfico 03.



**GRÁFICO 03** – Evolução do quadro de funcionários da C.Vale em Palotina, (1996-2006).

Fonte: C.Vale – Relatório (2006, p.18)

Nota-se que a partir de 2000 o Complexo Avícola superou a capacidade de empregos em relação às demais atividades ou setores da cooperativa. Em 2006 houve redução do número de funcionários em virtude das oscilações do mercado e da frustração da safra 2005/06.

De modo geral, os resultados apresentados até aqui evidenciam uma expansão da atividade, junte-se a isso o faturamento industrial e total da C.Vale daí é possível constatar os efeitos da implantação do complexo industrial avícola no desempenho financeiro da cooperativa. Como se observa na Tabela 02, apesar da redução do faturamento total da cooperativa em 2005 e 2006, o faturamento industrial se manteve em elevação.

**TABELA 02 – Faturamento industrial e faturamento total da C.Vale (em reais)**

Ano	Faturamento Industrial	Ano	Faturamento Total
1996	8.251.909	1996	211.154.503
1997	11.152.931	1997	243.839.971
1998	44.654.565	1998	273.000.149
1999	59.608.774	1999	362.079.790
2000	90.270.596	2000	394.750.951
2001	122.888.023	2001	572.558.357
2002	164.023.284	2002	844.594.432
2003	214.836.496	2003	1.167.063.930
2004	243.275.291	2004	1.280.212.885
2005	255.954.679	2005	1.130.194.097
2006	263.600.745	2006	960.562.311

Fonte: C.Vale – Relatório (2006)

No primeiro semestre de 2006, a *Influenza Aviária* não chegou ao Brasil, mas a crise sim, fazendo com que as indústrias avícolas promovessem ajustes, como a redução da produção em 20%, eliminação de horas-extras dos funcionários etc (LONDRES, 2006).

Apenas no mês de janeiro de 2006, a indústria avícola do Paraná, responsável por cerca de 22% da produção nacional de frangos, demitiu 200 funcionários e se fez uma previsão para demitir até 10 mil trabalhadores se a crise se aprofundasse, de acordo com dados apresentados pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese-PR), durante seminário realizado em Curitiba para avaliar os impactos da “gripe do frango” na economia paranaense (SAIKI, 2006).

[...] no ano de 2006, as vendas paranaenses e brasileiras do produto vêm refletindo mais fortemente a retração da demanda internacional derivada das precauções dos consumidores diante do avanço da gripe aviária. Com o efeito, os produtores nacionais decidiram desovar o excedente no mercado interno e, por instrução da Associação Brasileira de Exportadores de Frango (Abef), diminuir a produção em aproximadamente 25% (MARTINS; WEBER; PASTRO, 2006, p.25).

Conforme o Dieese, há um risco de maiores perdas para dez municípios paranaenses: Toledo, Cafelândia, Rolândia, Dois Vizinhos, Francisco Beltrão,

Matelândia, Cascavel, Lapa, Londrina e Palotina – municípios onde a indústria avícola emprega mais de mil pessoas e onde tal setor representa 40% a 60% do Produto Interno Bruto (PIB) municipal (SAIKI, 2006). Dos 10 municípios mencionados, 5 se localizam na região Oeste Paranaense.

O declínio do faturamento total da C.Vale em 2005 e 2006 (Tabela 02) tem como provável razão a conjuntura desfavorável para as exportações de frango. Os fatores explicativos da crise dos negócios articulados à área rural possuem raízes estruturais, atmosféricas e conjunturais (nas raízes conjunturais aparecem os efeitos dos juros altos e câmbio valorizado em meio a um cenário de recuo dos preços mundiais das *commodities*, sobretudo soja (LOURENÇO, 2006).

#### 4. Considerações finais

A existência de cooperativas agrícolas no Oeste Paranaense, hoje denominadas cooperativas agroindustriais (Copacol, Coopavel, Lar, C.Vale e Copagril) é resultante do processo de modernização da agricultura brasileira.

A evolução e reestruturação empresarial dessas cooperativas é conseqüência de um conjunto (forma organizacional, tecnologia, política agrícola setorial, características locais) que evidencia uma atividade agrícola relativamente homogênea e de alta produtividade na referida região.

Neste sentido, os abatedouros de frangos implantados pelas cooperativas, representam, principalmente, estratégias empresariais para incrementar a competitividade, industrializar matérias-primas para adicionar valor aos produtos e permitir a coexistência das cooperativas com outras empresas do mesmo setor. Competir com grandes empresas, tal como a Sadia, seria pura pretensão, entretanto, as cooperativas coexistem no Oeste Paranaense e além de concorrer entre si, firmam parcerias. Por exemplo, um contrato entre a Copacol e a Copagril, assinado em outubro de 2005, cujo objetivo foi otimizar a estrutura que o abatedouro de aves da Copagril possui, estabelecendo que a Copagril abateria aves para a Copacol até junho de 2006 (COPAGRIL, 2005).

Os dados da comercialização e do faturamento industrial da C.Vale são exemplos que demonstram a expansão da avicultura de corte no Oeste Paranaense, ou seja, um aumento de produção que segue uma demanda mundial nos últimos anos. Sabe-se que a indústria de carnes de frango é um segmento vulnerável às oscilações do mercado externo, por isso, está diante de prováveis e súbitas mudanças de perspectiva, o que pode comprometer a viabilidade econômica dos produtores de frango. Conforme pesquisa de campo, o principal objetivo do produtor, ao construir aviário, foi justamente buscar melhoria da condição econômica por meio da diversificação produtiva.

De acordo com a estrutura fundiária do Oeste do Paraná, a maioria dos estabelecimentos possui até 50 hectares, o que é uma característica que se adapta à avicultura, pois um pequeno proprietário de terra pode ser um grande produtor de frangos, desde que possua condições para investir ou tenha capacidade de endividamento.

Portanto, a industrialização das cooperativas, a expansão da avicultura no Oeste Paranaense, suscita prós e contras. Do ponto de vista da economia

dos municípios envolvidos, gerou empregos, dinamizou a geração de Impostos sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), contudo, são resultados para avaliação em estudos posteriores, assim como os efeitos da avicultura em termos de qualidade de vida dos produtores integrados.

## Referências

AIDAR, A.C.K; PEROSA JR, R.M. Espaços e limites da empresa capitalista na agricultura. *Revista de Economia Política*, vol.1, n.3, jul.set.1981, São Paulo, brasiliense, pp.17-39.

ALVES FILHO, E; ARAÚJO, M. da P. Origens e desenvolvimento do sistema de produção integrada no Brasil. In: CASIMIRO FILHO, F; SHIKIDA, P.F.A. (coord.) *Agronegócio e desenvolvimento regional*. Cascavel: Edunioeste, 1999, p.207.

AZEVEDO, P. F. de; BATALHA, M.O; BONACELLI, M.B; GRIESE, L. Diagnóstico, Tendências e Perspectivas para a Cadeia Agroindustrial de Avicultura de Corte: o Caso da Macrorregião de Ribeirão Preto. In: PAULILO, L.F; ALVES, F. (org.) *Reestruturação agroindustrial: políticas e segurança alimentar regional*. São Carlos: EdUFSCar, 2002, 350p.

BELIK, W; PAULILO, L.F. O financiamento da produção agrícola brasileira na década de 90: ajustamento e seletividade. In: LEITE, S.P. (org) *Políticas públicas e agricultura no Brasil*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 2001, pp.95-120.

C.VALE Cooperativa Agroindustrial. C.Vale amplia industrialização. *Jornal C.Vale*, n.77, out.2004, 16p.

C.VALE Cooperativa Agroindustrial. Complexo avícola completa 8 anos. *Jornal C.Vale*, n.88, out.2005, 12p.

C.VALE Cooperativa Agroindustrial. Empreendimento para a história da avicultura brasileira. *Jornal C.Vale*, n.82, abril de 2005, 20p.

C.VALE Cooperativa Agroindustrial. *Relatório Anual 2006*, Cascavel: Gráfica Tuicial, 29p.

COPAGRIL – Cooperativa Agrícola Mista Rondon. Copagril e Copacol firmam parceria. *Revista Copagril*, ano 01/ Edição 10, outubro/ 2005, pp. 14-15.

COOPERVALE. “Uma história de trabalho, união, confiança e participação”. *Revista Cooperavale* – Edição Especial, Palotina: Imprevale, 70p. Novembro/ 1988.

COOPERVALE. *Coopervale 30 anos de atividades*, edição 31, Cascavel: Tuicial, out. de 1999, 15p.

COUTINHO, L. A Terceira Revolução Industrial e Tecnológica: As Grandes Tendências de Mudança. *Economia e Sociedade*, n.01, Campinas, ago. 1992.

DALMÁS, S. R. da S. P. (et al) A identificação de cluster na atividade de abate de frangos na mesorregião Oeste do Paraná. *XLV Congresso da SOBER "Conhecimentos para a Agricultura do Futuro"* Londrina, 22 a 25 de julho de 2007.

ESPÍNDOLA, C.J. *As agroindústrias no Brasil: o caso Sadia*. Chapecó: Grifos, 1999, 266p.

FLEISCHFRESSER, V. *Modernização tecnológica da agricultura: contrastes regionais e diferenciação social no Paraná da década de 70*. Curitiba: Livraria do Chain: CONCITEC: IPARDES, 1988,154p.

FONSECA; S. R da; COSTA, V. M. H. de. As transformações recentes no setor agroindustrial brasileiro: uma abordagem da atividade cooperativista. *Boletim de Geografia Teorética*, v.25, n.49-50 (Anais do XII Encontro Nacional de Geografia Agrária, v.01), pp. 363-372, 1995.

FREITAG, L. da C. *Fronteiras Perigosas: migração e brasilidade no extremo-oeste paranaense (1937-1945)*. Cascavel: Edunioeste, 2001, 140p.

HESPANHOL, A. N; COSTA, V. M. H. de M. A importância das cooperativas no processo de modernização da agricultura paranaense. *Boletim de Geografia Teorética*, v.25, n.49-50 (Anais do XII Encontro Nacional de Geografia Agrária, v.01), pp. 373-384, 1995.

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. *Leituras Regionais*, Curitiba, 2004.

LONDRES, M. Gripe aviária não chegou, mas crise sim. *Gazeta do Povo*, Curitiba, ano 88, n.27900, p.21.

LOURENÇO,G.M. Determinantes da crise do agronegócio, *Análise Conjuntural*, v.28, n.1-2, pp.13-14, jan./fev. 2006.

MAACK, R. *Geografia Física do Estado do Paraná*. Curitiba: Banco de Desenvolvimento do Paraná, 1968.

MARTINS, C.; WEBER, L.M.; PASTRO, M.L. Os resultados recentes da avicultura paranaense, *Análise Conjuntural*, v.28, n.07-08, pp.25-26, jul./ago. 2006.

MAZZALI, L. *O processo recente de reorganização agroindustrial: do complexo à organização "em rede"*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000, 175p.

NEVES, E. M. O crescimento sustentável no agronegócio brasileiro. *Valor Econômico*, n.1093, 2004, p.A8.

NOGUEIRA, A.C.L. Custos de transação e arranjos institucionais alternativos: uma análise da avicultura de corte no Estado de São Paulo. São Paulo: USP, 2003, 153p. (dissertação de mestrado).

OCEPAR – Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado do Paraná. Disponível em <<http://www.ocepar.org.br>> acesso em 25 mai. 2006.

RIZZI, A. T. Mudanças Tecnológicas e Reestruturação da Indústria Agroalimentar: o caso da indústria de frangos no Brasil. Campinas: Unicamp, 1993, 194p. (Tese de Doutorado)

SAIKI, Lyrian. Gripe não existe, mas já causa prejuízos. *O Estado do Paraná*, Curitiba, ano 55, n.16581, 22/03/2006, p.27.

SINDIAVIPAR – Sindicato das Indústrias de Produtos Avícolas do Paraná. Disponível em <<http://www.sindiavipar.com.br>> Acesso em 01/04/2007.